

Apresentação

Presentation

Os textos deste número da revista *Entrepalavras* são fruto do IV Colóquio Cearense de Semiótica em homenagem a Diana Luz Pessoa de Barros, organizado pelo Grupo de Estudos Semióticos da Universidade Federal do Ceará – Semioce – e realizado nos dias 3 e 4 de junho de 2019. Os colóquios do Semioce foram idealizados há dez anos com o propósito de prestar homenagem aos precursores do projeto semiótico no país. A cada edição do evento, um nome representativo da semiótica brasileira tem sido homenageado pelos serviços efetivamente prestados à parcela da comunidade científica

SARAIVA, José Américo Bezerra; LEITE, Ricardo Lopes; LEMOS, Carolina Lindenberg. Apresentação. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 10, n. esp., p. 5-11, mai. 2020.

nacional cuja linha de pesquisa mantém estreito vínculo com a semiótica de origem saussuriana. Neste IV Colóquio, a renomada linguista e semioticista brasileira Diana Luz Pessoa de Barros é a homenageada. Para a celebração, foram convidados alguns dos pesquisadores da área mais próximos da obra, da pesquisa e da atuação acadêmica da semioticista.

Na trajetória de Diana Luz Pessoa de Barros, vida e obra, ser e fazer conjuntam-se com rara galhardia, como ficará patente no correr da leitura deste dossiê. Sempre em equilíbrio ponderado na sua

Pessoa, essas duas dimensões de Diana Barros parecem ditar as diferentes ênfases a cada forma particular de homenagem que segue esta apresentação. Por isso, a fim de reunir os textos em função dos pendores da homenagem assumida pelos autores convidados, os organizadores achamos por bem dividir o número em três partes. A primeira apresenta e discute principalmente as contribuições teóricas e analíticas de Diana Barros à semiótica discursiva. A segunda parte, sem deixar de reconhecer e apontar as contribuições da homenageada aos estudos semióticos, coloca o acento sobre a carreira, o papel institucional, o caráter, o *éthos* da semioticista. Enfim, este número da revista encerra-se com um texto da própria Diana Luz, relato de sua trajetória em semiótica, trajetória que, de fato e de direito, se confunde com a da própria disciplina no Brasil.

O texto de José Luiz Fiorin abre o número da revista com aquilo que considera “a principal contribuição teórica” de Diana Luz Pessoa de Barros. Fiorin volta sua atenção para a ainda inédita segunda parte da tese de livre-docência de Barros, *A festa do discurso. Teoria do discurso e análise de redações*, para mostrar que, sem violar

o princípio da imanência, a semioticista logra promover o estudo integrado do discurso e do contexto sócio-histórico de sua produção. Fiorin destaca o fato de Barros tratar o contexto sócio-histórico em termos de relações intertextuais, sendo o contexto um texto mais amplo, uma totalidade de significação dentro da qual o sentido de cada texto se constitui. Trata-se de uma intertextualidade contextual em que a esfera macrotextual mais abrangente seria, no limite, a cultura. Em seguida, Fiorin assinala alguns dos pontos-chave dessa segunda parte da tese de Diana Barros para que se compreendam os parâmetros adotados pela autora na análise de redações vestibulares da FUVEST de 1982. Nestas, são identificados onze tipos narrativos, alicerçados na estrutura elementar que opõe natureza e cultura, e alguns desvios dessa tipologia, explicados no entanto seja como más formações seja como sinais de originalidade e de criatividade. As questões discursivas compõem o foco seguinte da análise. Nesse ponto, é a predominância de certos percursos temáticos e figurativos manifestados nas redações que permitem à semioticista estabelecer várias correlações entre os textos elaborados e as classes sociais.

Fiorin enfatiza, por exemplo, o procedimento analítico adotado pela autora como estratégia capaz de demonstrar que o tema da ascensão social não aparece nas redações dos filhos de operários e da burguesia empresarial enquanto é avassalador nas redações dos oriundos da pequena burguesia.

Lúcia Teixeira, por sua vez, presta homenagem a Diana Luz Pessoa de Barros com artigo intitulado “Contribuições da semiótica para a análise dos discursos na internet.” Nele, a autora elege o tema da complexidade, em sua acepção semiótica de “coexistência dos contrários”, com o objetivo de examinar e caracterizar o funcionamento do discurso que circula na internet, ao mesmo tempo em que apresenta, com maestria, um breve panorama de algumas das principais contribuições acadêmicas da homenageada no campo da linguística e da semiótica. Teixeira retoma as reflexões de Barros apresentadas no artigo “A complexidade discursiva na internet”, publicado na revista CASA, vol. 13, em 2015, para mostrar, dentre outros aspectos, a “posição intermediária entre a fala e a escrita” e “entre o público e o privado” como característica definidora desse tipo de discurso, assim como

o redimensionamento das categorias enunciativas de pessoa, tempo e espaço e a tensão entre autoria e anonimato presente nas interações na internet.

A fim de homenagear Diana Luz Pessoa de Barros, Alexandre Marcelo Bueno analisa o discurso intolerante no campo da política, conforme a caracterização desse discurso feita pela semioticista brasileira em vários de seus trabalhos. Seguindo a esteira de Barros, o autor apresenta como principais características do discurso intolerante a “sanção” e, principalmente, a “punição”, assim como a presença das paixões do “medo” e do “ódio” e das “isotopias temáticas e figurativas que revelam a disposição ideológica inconsciente”. Bueno examina especificamente o discurso do “pastor político” ou do “político pastor” Marcos Feliciano, para mostrar como o sujeito político, mobilizado pelo “poder” e pelo “saber”, utiliza determinadas estratégias de manipulação que constroem para ele um efeito de credibilidade, que legitima seu discurso intolerante como um lugar de fala privilegiado, determinando a dinâmica do exercício da intolerância na esfera social.

A conexão entre a semiótica e a literatura é o foco da homenagem de José Leite Jr. a Diana Luz Pessoa de Barros. Em seu artigo, ele retoma a vida profissional da semioticista para destacar a literatura como uma das principais preocupações acadêmicas da homenageada, ao mesmo tempo em que procura dar a essa conexão um “sentido político-pedagógico”. Fundamentando-se na aplicação da “taxionomia de Bloom”, o autor apresenta alguns dados de pesquisa sobre o ensino de Literatura realizada na região metropolitana de Fortaleza, com o intuito de evidenciar as dificuldades dos alunos para alcançar um nível cognitivo satisfatório de aprendizagem. Diante desse quadro, Leite Jr. destaca a *Teoria semiótica do texto*, obra de referência da homenageada, como uma propedêutica semiótica que pode servir de exemplo didático para minimizar as deficiências do ensino de Literatura no Brasil. Ao final, convoca “a comunidade semioticista a abraçar a causa literária, que espera nosso papel adjuvante, sobretudo em seus desdobramentos didático-pedagógicos”.

O artigo de Norma Discini abre a segunda parte do dossiê ao extrair dos textos e

da presença de Diana Luz o seu *éthos* de semioticista. A partir de uma reflexão acerca das contribuições mais recentes de nossa homenageada à pesquisa semiótica, Discini aponta o *saber ser* pelo *saber fazer* que inspira confiança. O estilo se apresenta como um acento de sentido sobre a fruição estética que se opõe ao monopólio da verdade. Isso se verifica tanto nos estudos sobre ideologia e sociedade como no clássico trabalho sobre o semissimbolismo. Em seguida, Discini debruça-se sobre as revisões propostas por Barros ao estudo do gesto de Greimas. Ao incorporar a reflexão tensiva, Diana Barros acentua a complexidade inerente à gestualidade e a interpenetração entre o mítico e o prático nos gestos. A discussão acerca da gestualidade é então transposta para o estilo autoral na escrita científica e Discini aponta que, se a ciência tende à extensidade, é na complexidade tensiva que se engendra o retorno do sensível, garantindo a presença dos conteúdos subentendidos e a confiança do enunciatário. “Os ‘conteúdos subentendidos e velados’, conforme diz Greimas, apreensíveis como componentes da acentuação da tonicidade nos trabalhos de Barros, fazem o ‘acento de sentido’ firmar-

se, não apesar do rigor — da análise e da formalização teórica — próprio ao estilo da semioticista, mas justamente por meio desses parâmetros. [...] A autora impregna de ímpeto sensível o discurso semiótico principalmente ao iluminar a dimensão histórica do objeto contemplado”, nos explica Discini, reconhecendo, numa visada mais ampla da atuação de Diana Luz, o enlace da semiótica com o social que foi atestado nos artigos da primeira parte.

Também no projeto mais amplo de observar a atuação de Diana Luz Pessoa de Barros ao longo de sua carreira, o artigo de Eliane Soares de Lima nos oferece um panorama do percurso profissional da semioticista, com ênfase em sua atuação no ensino. Seu relato inicia-se com a formação e início de sua atuação docente em São Paulo, Paris e no interior paulista. Em seguida, são destacadas as publicações e cursos, sua atuação esporádica em outras instituições (brasileiras e estrangeiras), culminando no título de professora emérita que recebeu da Universidade de São Paulo. A segunda parte trata de um aspecto particular do ensino que é a orientação. Soares de Lima recolheu depoimentos de antigos orientandos e alunos de pós-graduação para compor

a imagem de professora em seu contato mais próximo com os alunos. A análise semiótica dos relatos que se segue revela “uma figura afetuosa, humana e acolhedora, sem deixar de lado sua autoridade e firmeza, que garantem a devida segurança e confiança a seus orientandos”. A autora aponta a presença das paixões do entusiasmo e da compaixão como a tônica da presença de Diana Luz: “um ator do enunciado que faz do dever ético da profissão um querer apaixonado”. Para concluir, Eliane Lima menciona que, apesar de não ter nele atuado diretamente, o ensino básico sempre esteve no horizonte de Diana Barros, em suas publicações e na ênfase em apresentar a semiótica como um instrumental claro e poderoso de análise do texto literário, fazendo coro com o texto de Leite Jr. neste número.

É a paixão do entusiasmo mencionada por Soares de Lima que se torna o tom central do texto de Waldir Beividas. Na forma de uma carta a Diana Barros, o autor aproveita a discussão inicial da estrutura que deve imprimir ao texto para compartilhar com a homenageada a convicção de que a semiótica é um modo de ser, uma forma de vida. Alega que seu caráter coeso e estrutural lhe confere

também um caráter democrático, não calcado em profundezas míticas ou na genialidade de um e de outro. Em seguida, passa a desenvolver o entusiasmo que reconhece em Diana Barros. Semioticamente, diz o autor, o entusiasmo se apresenta como uma paixão de ação, de ímpeto, de competência, a um tempo tônico e extenso, porque duradouro na vida da semioticista, como já havia apontado Discini. Mas é também paixão de sanção, de destinadora: “jamais se sai derrotado numa avaliação de Diana”, ressoando novamente com o texto de Soares de Lima. Enfim, de paixão de autossanção: “crer estar altamente empoderado, para futuras ações”. Em suma, o entusiasmo em termos semióticos: um crer intenso e seguro de querer, dever e poder-fazer. A patafísica, que promete dar conta da descrição do entusiasmo de Diana Barros no texto de Beividas, apresenta-se como um complemento à metafísica, buscando o particular, a exceção, no lugar do geral das ciências. É nessa tônica que Beividas propõe uma possível leitura “etimológica” do entusiasmo: com o peito cheio de Deus; o peito cheio de vigor divino. As definições semiótica e patafísica do entusiasmo se completam assim para descrever a existência

semiótica singular de Diana Luz Pessoa de Barros. É então, baseado numa onomástica semio-patafísica de cada uma das palavras que compõem o nome da semioticista paulista, que Beividas encerra seu texto, descrevendo uma “caçadora de sentidos”, de “protagonismo luminoso”, sujeito individual, mas que ressoa a semiótica por todas as partes e que usa de seu realismo “terra-terra” para “conduzir não apenas os temas da teoria, mas também as relações e convivências pessoais entre os colegas”.

Para arremate da homenagem a Diana Luz Pessoa de Barros, aqui registrada na forma escrita graças ao apoio da equipe editorial da revista *Entrepalavras*, a que agradecemos penhoradamente, pudemos contar com um texto da lavra da própria homenageada, uma espécie de documento a testemunhar fases decisivas do processo de implementação, manutenção e difusão da semiótica no Brasil. Saída do núcleo pioneiro dos estudos semióticos brasileiros, Diana Barros parte para sua formação na Escola de Paris ainda na década de 1970. Lá recebe diretamente de Greimas a incumbência de difundir a semiótica entre nós, regressa à casa e atua na

formação de, pelo menos, três gerações de novos semioticistas brasileiros, espalhados hoje pelas diferentes regiões do país. Fosse comparável a semiótica brasileira a uma embarcação, não haveria quem deixasse de atribuir o papel de timoneiro-mor a Diana Barros, nos seus quase cinquenta anos de faina devotada ao ensino e à pesquisa na área, ao lado de seu indefectível parceiro de jornada acadêmica José Luiz Fiorin. Na sua profissão de fé, Diana Barros empenhou-se na travessia de águas tormentosas para quem, como ela, sustentava um projeto estruturalista de investigação científica do sentido, sobretudo nas últimas décadas do século passado, mais especificamente logo após o Maio de 68, período em que os embates ideológicos se intensificaram em todo o mundo, e o estruturalismo tornou-se inimigo comum dos ideólogos de plantão, considerado incapaz de descer às ruas e, por isso, acusado de negar a história. Essa filha de Monte Aprazível soube conduzir a embarcação semiótica com esmerado zelo e comprovada competência até o final desse segundo decênio do século XXI, e o fez sob o desígnio do melhor espírito científico ao preparar cada nova geração para os desafios de cada novo tempo. Mostrou, por exemplo, que a

vocação da semiótica de origem estruturalista tem sido cada vez mais a de submeter a um mesmo tratamento metodológico as análises interna e externa de textos e discursos, de tal modo que, sob este ponto de vista, estrutura e história, texto e contexto, discurso e condições de produção se apresentam como metodologicamente complementares.

Pelas razões de que este dossiê dá uma pequena mostra, gostaríamos então de deixar registrado nosso agradecimento a essa afetuosa (os depoimentos são abundantes), obstinada e segura professora e pesquisadora brasileira por muito mais do que o integral cumprimento da tarefa assumida por ela com Greimas ainda nos anos 1970, porque foi sob a batuta de Diana Barros que o Brasil tornou-se um polo de destaque na produção de conhecimento no campo da semiótica de origem saussuriana. Pensamos falar aqui em nome das diferentes gerações de semioticistas que passaram pelas mãos de Diana Luz Pessoa de Barros, seja como aluno, orientando ou leitor seu. Somos todos gratos.

Os organizadores